

A banda de Moebius e o tempo do sujeito para a construção da fantasia inconsciente¹

Maurício Castejón Hermann

É interessante localizar nesse esquema R o objeto *a*, para esclarecer o que ele traz para o campo da realidade (campo que o barra). Qualquer que tenha sido a insistência que desde então empenhamos para desenvolvê-lo – enunciando que esse campo só funciona ao se obter pela tela da fantasia –, isso ainda exige muita atenção. Talvez haja interesse em reconhecer que, então enigmático, mas perfeitamente legível para quem conhece a sequência, como é o caso quando se pretende apoiar-se nele, o que o esquema R expõe é um plano projetivo. Em especial, os pontos em que não foi por acaso (nem por brincadeira) que escolhemos as letras pelas quais eles se correspondem, *m M*, *i I*, e que são aqueles com que se enquadra o único corte válido nesse esquema (ou seja, o corte $\overline{m \cdot i, M \cdot I}$), indicam bastante bem que esse corte isola no campo uma banda de Moebius. Basta dizer isso, já que, a partir daí, esse campo será apenas o lugar-tenente da fantasia ao qual esse corte fornece toda a estrutura. Queremos dizer que somente o corte revela a estrutura da superfície inteira, por poder destacar nela os dois elementos heterogêneos que são (marcados em nosso algoritmo ($\$ \Delta a$) da fantasia) o $\$, S$ barrado da banda, a ser esperada aqui onde ela efetivamente surge, isto é, recobrando o campo R da realidade, e o *a*, que corresponde aos campos I e S. Portanto, é como representante da representação na fantasia, isto é, como sujeito originalmente recalcado, que o $\$, S$ barrado do desejo, suporta aqui o campo da realidade, e este só se sustenta pela extração do objeto *a*, que, no entanto, lhe fornece seu enquadre. Medindo por escalões, todos vetorizados por uma intrusão apenas do campo I no campo R, o que só é bem articulado em nosso texto como efeito do narcisismo, é inteiramente impossível, portanto, que queiramos reintroduzir aí, por alguma porta dos fundos, que esses efeitos (leia-se “sistema das identificações”) possam teoricamente fundar, seja de que maneira for, a realidade. Quem acompanhou nossas exposições topológicas (que não se justificam pela estrutura da fantasia a ser articulada) deve saber perfeitamente que, na banda de Moebius, não há nada de mensurável a ser retido em sua estrutura, e que ela se reduz, como o real aqui em questão, ao próprio corte. Esta nota é indicativa do momento atual de nossa elaboração topológica (julho de 1966).²

A nota de rodapé, apresentada aqui como epígrafe, formaliza a

¹ Reflexão apresentada nos módulos de leitura das Formações Clínicas do Campo Lacaniano de São Paulo. Este texto é parte da Tese de Doutorado intitulada Acompanhamento Terapêutico e Psicose: um articulador do real, simbólico e imaginário, defendida no Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof.^a Dra. Miriam Debieux Rosa.

² Lacan, De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1957-58/1998, pp. 559-60).

relação do sujeito neurótico com o campo da realidade para, justamente, incorporar a dimensão do tempo ao tratamento psicanalítico. O propósito maior dessa reflexão é, portanto, esmiuçar certas passagens desta nota de rodapé, com o intuito de oferecer ao leitor subsídios à sua compreensão ou, dito de outro modo, desdobrar afirmações que ali se apresentam de forma bastante condensada. Desse modo, abre-se um leque de questões: Qual é o estatuto do objeto, sua relação com a realidade e o modo como ela, a realidade, é apreendida pela fantasia? De que maneira a ideia do plano projetivo incorpora, para si, a noção do tempo? E a topologia? A banda de Moebius, como figura topológica, permite romper com a dicotomia endógeno X exógeno, de modo a situar – nela mesma – a fantasia inconsciente, seus objetos e o corte de uma sessão de análise?

A seguir, seguem cinco comentários sobre a nota de rodapé.

Como pensar o objeto *a*, sua relação com o campo da realidade e seu recorte através da tela da fantasia?

Conforme Roudinesco e Plont, no *Dicionário de Psicanálise*, o conceito objeto *a* foi apresentado por Lacan no ano de 1961, com o intuito de descrever o objeto de desejo do sujeito do inconsciente como algo que lhe é furtado e, também, irrepresentável, como um resto não-simbolizável. Ele aparece de forma fragmentada, por meio de quatro objetos parciais desligados do corpo, a saber: o seio, como objeto de sucção; as fezes, como objetos de secreção – objetos da demanda – e conjuntamente a voz e o olhar, ambos como objetos do desejo. Já no Seminário *A transferência*, Lacan³ trabalha questões vinculadas ao manejo da transferência, ao retomar *O banquete* de Platão e a posição de Alcibíades diante de Sócrates. Alcibíades demandava de Sócrates uma confirmação de seu amor. Sócrates, por seu turno (e conforme Lacan), sustentava uma posição de analista, já que fazia semblante ao endereçamento do amor de Alcibíades e, ao mesmo tempo, não o respondia em ato. Ora, aqui reside um argumento freudiano acerca do amor de transferência, visto que o neurótico adquire uma maneira específica de amar, no drama edípiano, e o atualiza na relação analítica. De seu lado, um analista suporta o lugar que lhe foi dado na transferência; suporta o endereçamento do amor de seu analisante, mas não o responde em ato. O diálogo de Platão versa em torno do amor e da ideia de

³ Lacan, O Seminário, livro 8: A transferência (1960-1961).

que há um objeto que representa o “bem”, o *Agalma*. É sobre essa noção de *Agalma* – o bom objeto – que Lacan o converte em objeto *a*. “(..) objeto do desejo que se esquivava e que, ao mesmo tempo, remete à própria causa do desejo. Em outras palavras, a verdade do desejo permanece oculta para a consciência, porque seu objeto é uma ‘falta-a-ser’. Em março de 1965, Lacan resumiria essa proposição nesse aforismo: ‘O amor é dar o que não se tem a alguém que não o quer.’”⁴

Outro aspecto a ser considerado é a noção de realidade. Aqui reside uma aproximação ao argumento de Freud⁵, pois ele retificou a ideia segundo a qual só haveria perda da realidade na psicose, tal como afirmara em texto anterior⁶. Na verdade, também há uma fuga da realidade na neurose, quando algum objeto da realidade evoca um traço da fantasia inconsciente.

Para dar continuidade ao argumento acima, é necessário interrogar a descrição de Freud⁷ acerca da hipótese endógena e exógena da constituição da subjetividade e sua confluência na fantasia inconsciente, ao articular o mundo subjetivo da criança ao mundo objetivo, de sorte a considerar a estruturação da fantasia inconsciente em função do lugar que a criança ocupa, na própria fantasia, em relação aos pais.

Nasio⁸ oferece uma reflexão interessante sobre esse debate, ao definir, como ponto de partida, a experiência analítica em função do amor de transferência. Posto isso, interroga-se a respeito de certas dicotomias ou preconceitos, sob a forma de opostos: é possível afirmar a existência de um homem e de uma mulher? Corpo é algo que se distingue por completo do psiquismo? Há diferenças entre a realidade material e a realidade psíquica? É possível sustentar a hipótese endógena e a hipótese exógena, tal como Freud o fez, ao teorizar a fantasia inconsciente?

A experiência analítica e o respectivo trato teórico oferecidos por Lacan rompem com esses “opostos” ou, então, é possível verificar que há alguns preconceitos que merecem ser revistos ou reconsiderados. Por exemplo, a ideia de que há um “dentro” e um “fora” se modifica quando se situa a própria clínica psicanalítica como território. “Em que termos passa esse limite que diz respeito à experiência da análise?”⁹ Nesse contexto, ele propõe pensarmos a

⁴ Roudinesco e Plont, *Dicionário de psicanálise* (1998, p. 552).

⁵ Freud, *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1925/1980).

⁶ Freud, *Neurose e psicose* (1924/1980).

⁷ Freud, *Bate-se numa criança* (1919/1980).

⁸ Nasio, *Psicossomática – as formações do objeto a* (1993).

⁹ *Ibid.*, p.27.

10 *Ibid*, p.27.

psicanálise como a “realidade enquanto limite, essa zona fronteira entre o sujeito e o real”¹⁰.

Ainda de acordo com a crítica à hipótese freudiana de que existe um dentro e um fora, afirma-se que o argumento de Freud se aproxima de uma determinada visão filosófica, a de Berkeley, condizente com a ideia de que só é possível conhecer o mundo, o fora, através das representações. Mas aí reside uma contradição: como isso é possível, se as representações são internas e possuem características próprias? Não existem representações fora do psiquismo humano.

Freud não realizou distinção entre a noção de realidade e de real; além disso, supôs a existência dos dois mundos – interno e externo –, em função da confusão existente entre esses conceitos. Ele também dizia que somente o mundo interno é passível de ser cognoscível, apesar de ter revisto essa posição ao final de sua vida¹¹, ao afirmar que o real interno é mais cognoscível que o real externo, mas que não seria apreensível por conceitos ou palavras, mas sim pela própria análise.

11 Freud, *Esboço de psicanálise* (1938/1980).

Posto isso, vale considerar em Lacan a distinção entre real e realidade:

12 Lacan, *O Seminário*, livro 17: *O avesso da psicanálise* (1969/1992).

Real condiz com algo que é irrepresentável, inatingível¹²; ou, então, é o momento em que se articula o gozo do ser com o real¹³. Tomemos essa referência: Lacan propõe algumas modalidades de gozo, neste Seminário, tais como, por exemplo, o gozo fálico, o gozo feminino e – este sim importante para esta reflexão – o gozo do ser. Há uma equivalência entre o gozo do ser e o real, de sorte a considerá-lo como aquilo que anima, de acordo com Freud, a compulsão à repetição. Freud¹⁴ descreve a compulsão à repetição como algo da ordem do inconsciente; conteúdos que ainda não foram passíveis de elaboração e que, desse modo, são atualizados na transferência em ato. A indicação clínica deste artigo se articula com a ideia de que uma análise se efetiva na transferência; em sustentar as repetições do analisante, já que é na repetição de algo que a diferença pode advir, permitindo uma elaboração.

13 Lacan, *O Seminário*, livro 20: *Mais, ainda* (1972-73/1985).

14 Freud, *Recordar, repetir e elaborar* (1914/1980).

Já a realidade é mutante: abre-se e se fecha de tal sorte a ser concebida como algo local e atrelado à trama dos significantes. Em outros termos, a realidade pode ser pensada como uma série de identificações que se sucederam na vida do sujeito, como um vai-

vém entre o eu e a imagem especular do estádio do espelho. Aqui a ênfase é posta no primeiro tempo do Édipo, mais precisamente no lugar da mãe como o Outro que deseja. “(...) realidade, na vida de alguém, é a sucessão de encontros identificadores e de encontro com o desejo do Outro.”¹⁵

Porém, conforme Nasio, a realidade não se restringe apenas às palavras e imagens, já que a realidade é também concebida pelo movimento da pulsão – no estreito vínculo entre o psíquico e o orgânico. É nesse contexto que Nasio se interroga acerca do ataque histérico. Do que se trata? É fantasia? É realidade? O desmaio histérico é um exemplo interessante para encaminhar essas questões, visto que é, sem dúvida alguma, consequência da ação da fantasia inconsciente e, no entanto e ao mesmo tempo, há um corpo no chão. Fala-se de um corpo desmaiado, tomado pela ação da fantasia histérica.

[...] A fantasia não é uma imagem na cabeça, mas é algo material, que se manifesta por uma atividade motora, uma paralisia, por alguma coisa no corpo. A realidade é isto: não foi somente o significativo que induziu a histérica a desmaiar, não são apenas as imagens que sustentam sua identificação. A realidade para a histérica é mais que todo o circo que gira em torno dela, que ela instalou. A realidade para a histérica é onde ela cai desmaiada. Para falar de realidade é preciso disto¹⁶.

Em outras palavras, a realidade equivale ao corte, quando se introduz o movimento da pulsão para o sujeito se separar do objeto. Freud¹⁷ afirma que as pulsões não possuem objeto definido. Ele comenta a ideia de que há uma falsa crença, a de que existiria uma cola entre a pulsão e o objeto. Na verdade, o objeto eleito da pulsão pode induzir a esse erro, visto que se apresenta aí uma ilusão de que a satisfação pulsional é decorrência de determinado objeto. Não é à toa que Freud discorre acerca da plasticidade da pulsão.

Assim, no ataque histérico, o objeto da pulsão pode ser o olhar ou, então, a ação motora do músculo. Ora, fala-se de uma realidade concebida como imagens e significantes, mas também determinada pelo movimento pulsional. A trajetória da pulsão escópica, descrita por Freud, serve como exemplo para ilustrar a gramática de seu movimento: temos aí três termos – olhar, ser olhado e olhar-se. A

¹⁵ *Psicossomática – as formações do objeto a*, op.cit., p.31.

¹⁶ *Ibid*, p.33.

¹⁷ Freud, *A pulsão e suas vicissitudes (1915/1980)*.

realidade é o que se tem de mais exterior, ligado ao significante e à imagem e, no entanto, é ao mesmo tempo o que há de mais interior, de mais íntimo ao corpo e ao sujeito do inconsciente. A ênfase dada na frase anterior incide sobre o período “é ao mesmo tempo”, o que indica a superação da dicotomia endo x exo, tal como já foi discutida anteriormente.

2- O esquema R como um plano projetivo. O que isso quer dizer?

A representação gráfica do mapa-múndi é um exemplo de plano projetivo. A disposição dos continentes em um plano bidimensional é bastante conhecida, inclusive em função das determinações históricas que o conceberam. O continente europeu se localiza ao centro e na parte superior da representação e, tomado como referência, serve para que os outros continentes sejam distribuídos, nessa mesma representação gráfica, conforme sua localização geográfica em relação à referência eleita. É interessante notar que qualquer parte do planeta poderia ser usada como ponto de referência. A consequência disso é que seria possível ter séries de representações ao tentar ilustrá-lo em um plano bidimensional.

No entanto, há aspectos que escapam à representação gráfica do planeta Terra, tais como seu eixo de rotação ou seu eixo de translação. A Terra gira em torno de si mesma, o que gera os dias e as noites; além disso, ela possui uma localização no sistema solar – é o terceiro planeta mais próximo do Sol e demora 365 dias, um ano, para dar uma volta completa em torno dele. O mapa-múndi não dá conta desses movimentos do globo terrestre e seus respectivos tempos; eles não são passíveis de ser representados ou figurados.

Ao transpor essa discussão para o esquema R, tem-se a ideia de que nele há a formalização dos três tempos do Édipo, bem como o quadrilátero *MimI*. São esses pontos que determinam o quadrilátero responsável por animar a estrutura – ao determinar as instâncias nas quais uma análise se situa, além de incorporar ao modelo a problemática do tempo – visto que inscrevem um movimento onde se dá o campo da experiência analítica, desde que desse quadrilátero seja feita uma figura topológica denominada banda de Moebius.

3- O que são os pontos *MimI*?

Os pontos citados definem o campo da realidade. De início,

o eixo $i - M$, que está de acordo com o registro imaginário. O i equivale ao eu, a imagem do próprio corpo diante da mãe. Já o M está atrelado ao significante do objeto primordial ou, dito de outro modo, o ego ideal. Há também o outro eixo, $m - I$, onde m é a imagem especular da criança e I é o Ideal do eu. O segmento $m - I$, por meio de suas identificações, está atrelado à série de significantes ou de representações que pontuam sua realidade, a partir de referenciais; uma realidade recheada de significantes. Falar do Ideal de eu é fazer referência à identificação que convoca o registro do simbólico; ou seja, a uma série de identificações significantes que se opõe ao registro do imaginário. A identificação ao Ideal do eu pressupõe a incidência da função paterna e, conseqüentemente, um desapego à relação imaginária com a mãe. O pai, por ser um personagem real, intervém de modo a que o eu se torne um elemento significativo.

Desse modo, pode-se afirmar, estabelece-se aí – de acordo com Lacan –, um movimento de balança oriundo da torção entre os registros do imaginário e do simbólico, justamente onde se define o campo da realidade. De um lado, há a realidade adquirida pelo sujeito do inconsciente, a partir de sua assunção a uma imagem virtual do corpo. De outro, o sujeito do inconsciente introduz no campo da experiência o significativo, o que resulta em ampliar este mesmo campo para o sujeito. Ainda com Lacan¹⁸, cabe retomar a discussão sobre o estatuto do objeto, uma vez que essa interrogação é primordial para sustentar a experiência analítica. Quais são a fonte e a gênese do objeto ilusório? É possível reduzir o objeto ao ilusório ou ao imaginário?

Não! Lacan é taxativo em sua resposta. O objeto da necessidade sexual não se reduz ao fato, por exemplo, de o macho se voltar para uma fêmea em busca de uma atividade sexual cuja finalidade seja a reprodução da espécie. Lacan é irônico ao citar um fato essencial a essa discussão, quando enfatiza o que “um sapatinho de mulher” provoca em um homem. O objeto ilusório não exerce sua função no sujeito do inconsciente como imagem, apesar do engodo que se apresenta, mas se inscreve como um elemento significativo, atrelado à cadeia significativa. Desse modo, há que se pensar que o objeto primordial domina a vida psíquica, visto que há elementos imaginários que desempenham papéis cristalizadores. Também, há

¹⁸ Lacan, O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958/1999).

que se considerar – como já foi dito –, sua inscrição como significante atrelado à cadeia. Esta última avança: S, S1, S2, S3,... e a significação também avança; porém, em sentido contrário. Há uma significação que desliza e que determina, no humano, uma espécie de relação intrínseca de significação. Aqui se trata de um objeto metonímico, axial na dialética das perversões e das neuroses, além de ser também determinante para o desenvolvimento subjetivo. Fala-se do falo.

A relação da criança com a mãe não é somente permeada por realizações e frustrações, mas também pela passagem da descoberta do que é, para a criança, ser o objeto de desejo do outro e da inscrição do desejo nela mesma, a criança. Nesse ponto, Lacan retoma as ideias de Freud a respeito da fase fálica¹⁹ e da estruturação da fantasia inconsciente, ao introduzir em seu argumento a passagem do primeiro tempo para o segundo tempo do Édipo. O que significa para a criança o seu desejo? Lacan atribui à fase fálica de Freud o estatuto de um significante pivô, “em torno do qual girava toda a dialética do que o sujeito tem que conquistar por si mesmo, por seu próprio ser”²⁰.

Ora, a respeito da inscrição do significante fálico na estruturação da subjetividade – e a constituição da cadeia significante ancorada na relação entre significante e significado, amarrados pelo *point de capiton* – atrela-se à inscrição do significante Nome-do-Pai. O significante fálico amarra o significante ao significado, por meio do “ponto de basta”, o que sustenta a formulação lacaniana a respeito da primazia do significante sobre o significado. Desse modo, retoma-se a ideia de que uma estrutura clínica se define a partir do modo pelo qual o sujeito do inconsciente articula/define/ordena sua posição em relação ao jogo do significante. Para pensar a neurose, Lacan²¹ fala do “ponto de basta” como algo primordial para a experiência humana. Lança-se mão de uma metáfora, no caso a ideia do “ponto de basta”, como ponto de articulação, de amarração entre os três registros: o simbólico, o imaginário e o real na linguagem. O “ponto de basta” permite uma articulação entre significante e significado capaz de construir sentidos possíveis para uma fala, quando se coloca um ponto final na frase. O sentido se constrói retroativamente e pode ser compartilhado em função do

¹⁹ Freud, A organização genital infantil: uma interpolação sobre a teoria da sexualidade (1923/1980).

²⁰ O Seminário, livro 5, op.cit., p.248.

²¹ Lacan, O Seminário, livro 3: As Psicoses (1955-1956/1985).

fato de que é próprio da linguagem compartilhar sentidos possíveis. Na neurose, o sujeito do inconsciente habita a linguagem, já que ele recebe a mensagem de forma invertida, uma vez que o Outro está reconhecido no discurso da alteridade. “É essencialmente essa incógnita na alteridade do Outro que caracteriza a ligação da palavra no nível em que ela é falada ao outro.”²²

²² *Ibid*, p.49.

Na fala do sujeito neurótico há reciprocidade. A condição de o neurótico habitar a linguagem traz consequências importantes para o manejo da transferência na clínica, naquilo que se refere ao tempo de uma sessão de análise: o tempo lógico e sua estrutura de corte. Aliás, na própria nota de rodapé, Lacan situa o quadrilátero *M i m I* como o único corte válido nesse esquema, porque ele isola no campo da realidade uma banda de Moebius.

4- A banda de Moebius é uma figura topológica: o que quer dizer?

A topologia se constituiu como um ramo da matemática. Granon-Lafont²³ oferece algumas passagens históricas para descrever seu campo. Em 1679, Leibniz definiu um novo ramo da matemática, sob a classificação latina de *analysis situs*, cuja tradução para o português é o estudo do lugar. Foi em 1750 que a topologia avançou, no momento mesmo em que Euler estabeleceu relações constantes entre vértices, faces e arestas de um sólido convexo. O trabalho de Euler suscitou várias polêmicas, o que serviu para reforçar o campo da topologia, já que inúmeros matemáticos concentraram-se em estabelecer limites possíveis para as leis propostas por Euler. Foi por meio de Moebius, em 1861, que uma figura topológica entraria para a história. É a banda de Moebius, tema dessa reflexão.

²³ Granon-Lafont, La topología básica de Jacques Lacan (1987).

A topologia preocupa-se com o estudo de formas geométricas, a ciência dos espaços e suas leis ou propriedades. Opõe-se ao modelo matemático euclidiano, visto que não se trata de estudar um objeto e o cálculo de seu deslocamento no espaço. A ênfase dada à topologia condiz com o estudo do espaço em si mesmo, em sua invariância. Pode-se, inclusive, afirmar que o uso da topologia no campo psicanalítico e, mesmo, nas ciências humanas aproxima-se de um fundamento epistemológico do conhecimento – e cabe a Lacan o mérito de ter insistido nessa via. Ele foi, quando menos, um grande colaborador para a realização dessa empreitada: a de lançar mão do uso desse ramo da matemática para formalizar a

²⁴ Vegh, *Escrituras* (1994).

experiência analítica.

Vegh²⁴, em distintos momentos de sua obra, interroga-se a respeito do uso das escritas na obra de Lacan. Reconhece que na obra de Lacan há o recurso às figuras topológicas, o que possibilita estabelecer, por meio das escritas, descrições importantes de uma época de seu ensino. Mas, qual é o intuito desse recurso utilizado? Por que Jacques Lacan lança mão das escritas? Vegh compara o uso da topologia na psicanálise com a poesia. A poesia, apoiada nos recursos da metáfora, toca em pontos que se situam no limite do indizível. É aí que também se localiza a experiência analítica, já que uma análise é uma experiência do sujeito diante de seu mundo, ponto que não é passível de nomeação.

Granon-Lafont também se interroga a respeito da pertinência da topologia, de seu uso, para teorizar a experiência analítica. Uma tendência possível na psicanálise seria a de dar substancialidade ao sujeito do inconsciente, já que se trata de um conceito fundamental para seu sistema teórico. No entanto, não é isso que está em jogo... Não se trata de substancializar o conceito do sujeito do inconsciente, mas sim de figurar e teorizar o modo como ele aparece, seus percursos e as possibilidades que lhe permitem descrever um espaço particular.

O uso do recurso da topologia é um esforço de Lacan para não substancializar um conceito, no sentido mesmo da não-compreensão. Lacan²⁵ comenta a importância do uso do nó borromeano em seu ensino, mas perfeitamente aplicável às outras figuras topológicas. “Aliás, o que poderíamos realmente perder, (...), a saber, que todos os sistemas da natureza que surgiram até aqui são marcados pela debilidade mental, para que então ater-se tanto a eles?”²⁶. É claro que Lacan empreende um grande esforço para formalizar a experiência analítica, e assim o fez ao evitar a contaminação do imaginário naquilo mesmo que pretende transmitir. Ou “a banda de Moebius conserva, em nosso espaço, o estatuto de representante do irrepresentável. Esta função paradoxal constitui uma necessidade, a causa da debilidade de nossa percepção e de nossa imaginação intuitiva do espaço”²⁷.

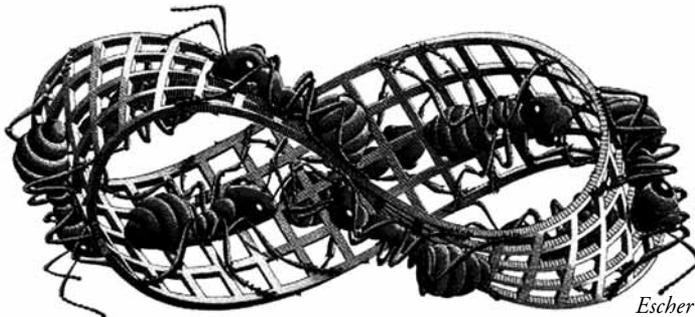
E o que é uma banda de Moebius? Trata-se de uma figura topológica simples de fazer. Ao tomar, por exemplo, uma tira de papel,

²⁵ Lacan, *O Seminário: RSI* (1975-76/inédito).

²⁶ *Ibid.*, aula de 10 de dezembro de 1974.

²⁷ *La topología básica de Jacques Lacan*, op.cit. p.46.

realiza-se uma torção sobre ela e, depois, fixam-se suas extremidades. Um exemplo bastante conhecido é uma figura de Escher, que permite notar o andar das formigas em um contínuo, de modo que desaparecem o que seja “lado de dentro” e “lado de fora”. Uma formiga, ao caminhar sobre a superfície da banda, retorna ao mesmo ponto após realizar duas voltas, de modo a estabelecer uma continuidade entre o lado de dentro e o lado de fora.



Ainda com Granon-Lafont, é apenas mediante um acontecimento temporal que se distingue o lado de dentro do lado de fora. Caso a formiga realize somente uma volta, ela se encontrará no lado oposto a seu ponto de partida. O tempo aparece aí como uma dimensão fundamental, importante para ser teorizado diante da experiência analítica e que condiz com as repetições do analisante, atrelado àquilo que foi dito há pouco; à ideia de que a emergência do sujeito do inconsciente, na associação livre, refere-se ao suportar a transferência, àquilo que se atualiza em ato e sua noção de corte.

5- A banda de Moebius é o lugar-tenente da fantasia, onde o corte oferece sua estrutura. Como assim?

Incluem-se aí dois elementos importantes para se pensar a travessia da fantasia, como direção de tratamento na neurose: o sujeito do inconsciente, o sujeito barrado – sua emergência na associação

livre – e o objeto *a*, objeto-causa do desejo, que enquadra o campo da realidade. Uma análise propicia ao sujeito do inconsciente atravessar sua posição fantasmática, de sorte a se deparar com o objeto *a* e sua decorrente queda. Também vale ressaltar a ideia de que não há nada de mensurável a ser retido na estrutura da banda de Moebius, visto que ela se reduz ao próprio corte, assim como a emergência do real – pois ele, também, não é mensurável.

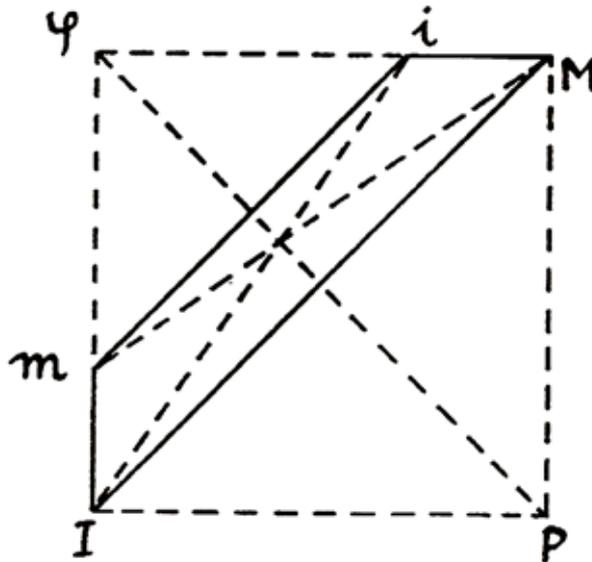


Figura 2: Esquema R ilustrando o corte da realidade e sua torção. Fonte: Nasio, 1993, p. 38

Os pontos *M i m I* delimitam o campo da realidade, e com eles é possível realizar uma torção para fazer a banda de Moebius. Os pontos *i* e *I* serão coincidentes, assim como os pontos *m* e *M*. Articula-se o eu com o Ideal do eu e a imagem especular com o significativo do objeto primordial. As instâncias pelas quais se estabelece o movimento de uma análise são, portanto: o narcisismo primário e o Ideal do eu. Ora, são instâncias psíquicas que delimitam

o campo da realidade, campo que assume *status* de plano projetivo, visto que anima o que o esquema R pressupõe ser estático. A banda de Moebius indica o movimento da pulsão, e sua estrutura de corte visa, ao longo de uma análise, a separar a pulsão do objeto. Desse modo, rompe-se com a ideia de realidade objetiva, uma vez que ela só é percebida pela fantasia inconsciente – a realidade é definida pelo movimento pulsional e, também, através do jogo de significantes. Esse movimento na análise é marcado pelo tempo; o tempo do corte, movimento determinado pelo atravessamento da fantasia inconsciente. Como já disse Freud²⁸, uma análise se direciona às construções possíveis que o analisante realiza, no sentido mesmo do trabalho de arqueologia sobre si mesmo, ao tentar reconstruir sua posição diante da Outra cena – a cena edipiana. O corte lacaniano auxilia o sujeito do inconsciente a se deparar com a Outra cena.

A entrada em análise pressupõe a entrada do sujeito do inconsciente no campo do desejo. Lacan²⁹ oferece uma indicação clínica preciosa no que concerne a uma possível primeira posição do sujeito diante do desejo. Ele afirma que o primeiro desejo é o desejo de reconhecimento do outro, não no sentido de que o outro possa ter a chave do objeto desejado, mas sim porque o seu primeiro objeto passa por esse tipo de reconhecimento. Essa é uma dimensão importante da análise, pois a indicação clínica aí presente condiz com a enorme frequência com que os candidatos a uma análise sempre incluem o outro como causa do próprio sofrimento. Assumir a responsabilidade pelo próprio desejo não é um passo simples, e a entrada no campo do desejo pressupõe a existência de uma lei imposta que impulsiona o sujeito do inconsciente para algo que existe, para algo que vai mais além do princípio do prazer – o gozo do ser ou o real – quer dizer, aquilo que anima a compulsão à repetição.

O real, a inércia, o gozo – equivalentes entre si –, tal como aparecem na clínica psicanalítica, podem levar o sujeito a se recusar a entrar na dança dos significantes. “Não, eu não serei um elemento da cadeia.”³⁰ Aí reside um paradoxo, pois, ao recusar a pagar uma dívida simbólica que não contraiu, não se faz outra coisa senão perpetuar essa mesma dívida. É nesse ponto que Lacan retoma a segunda fase da fantasia inconsciente de Freud³¹, de cunho masoquista. “Há sempre, na fantasia masoquista, uma faceta degradante

²⁸ Freud, *Construções em análise* (1938/1980).

²⁹ Lacan, *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998).

³⁰ *O Seminário, livro 5*, op.cit., p.255.

³¹ *Bate-se numa criança*, op.cit.

32 *O Seminário, livro 5*, op.cit., p.255.

e profanadora, que indica, ao mesmo tempo, a dimensão do reconhecimento e o modo de relação proibido do sujeito com o sujeito paterno. É isso que constitui o fundo da parte desconhecida da fantasia.”³²

O pai aparece no registro do imaginário como um rival; mas também assume um estatuto de modelo de identificação. Aí reside o efeito de báscula, visto que a posição imaginária comporta consigo uma ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que essa identificação imaginária de rivalidade paralisa o sujeito, há também a identificação que, atrelada à dança dos significantes, fornece ou propicia o movimento de um tratamento psicanalítico e a decorrente noção de construção em análise. Ora, a clínica psicanalítica das neuroses não se reduz ao sintoma, na medida em que a dimensão ética da psicanálise conduz o tratamento para a travessia da fantasia – e não para seu desaparecimento –, o que indica uma orientação para o método psicanalítico. A fantasia fundamental não é interpretada, mas sim construída. O fim de uma análise resulta em uma mudança subjetiva do sujeito do inconsciente diante de sua fantasia fundamental ou diante daquilo que lhe causa desejo.

33 Lacan, *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada* — um novo sofisma (1945/1998).

34 *Escrituras*, op.cit.

A escuta do significante e o corte³³ de uma sessão orientam o método de intervenção clínica, conforme a posição ética descrita no parágrafo anterior. A formalização da banda de Moebius incorpora a noção de corte, ao tomar o tempo de uma sessão como um tempo lógico e não cronológico. Vegh³⁴ retoma a ideia de que o corte visa a separar o sujeito do objeto, em relação ao Outro, segundo a lógica da castração – na teoria lacaniana. Desse modo, o corte de uma sessão é o equivalente de uma interpretação e consiste em separar o desejo da realidade, para que o sujeito do inconsciente possa emergir, enquanto o objeto cai. Esta emergência é teorizada através do modelo topológico aqui discutido, já que a banda de Moebius, como uma mostraçã, indica algo do real. A função do corte, se bem sustentada, afina-se à noção de que o significante nunca se representa a si mesmo e abre a perspectiva de que, na repetição, algo de novo possa aparecer. O corte de uma sessão propicia a abertura do inconsciente. A emergência do real é percebida por seus efeitos no significante e por sua inscrição na cadeia associativa, já que um significante assume valor próprio ao se localizar diante de outros

significantes.

6- À guisa de uma conclusão.

Para finalizar este ensaio, vale pensar o campo da realidade na direção do tratamento das neuroses, a partir da noção de objeto e sua relação com a construção da fantasia. Qual é a realidade de um sujeito sob transferência? É a realidade psíquica, que segue dupla determinação: de um lado, uma lógica da fantasia, orientada pelo circuito pulsional do desejo – marcada pelas demandas dirigidas ao outro na sexualidade infantil – e atualizada na transferência com o analista; de outro lado, a determinação da contingência ou o encontro com o objeto. Na convergência de ambas – a lógica da fantasia e a contingência do encontro com o objeto – situa-se o tempo. O tempo necessário para que se dê o encontro com o objeto e a decorrente elaboração voltada à construção da fantasia inconsciente.

Referências bibliográficas

- FREUD, Sigmund. (1914). *Recordar, repetir y reelaborar*. Trad.: J. L. Etcheverry. In: Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XII.
- FREUD, Sigmund. (1914). Pulsiones y destinos de pulsión. Trad.: J. L. Etcheverry. In: *Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XIV.
- FREUD, Sigmund. (1919). *Pegan a um niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales*. Trad.: J. L. Etcheverry. Buenos Aires: In: Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XVII.
- FREUD, Sigmund. (1923). *La organización genital infantil*. Una interpolación en la teoría de la sexualidad. Trad.: J. L. Etcheverry. In: Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XIX.

- FREUD, Sigmund. (1924). Neurosis y psicosis. Trad.: J. L. Etcheverry. In: *Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XIX.
- FREUD, Sigmund. (1924). La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis. Trad.: J. L. Etcheverry. In: *Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XIX.
- FREUD, Sigmund. (1937). Construcciones en el análisis. Trad.: J. L. Etcheverry. In: *Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XXIII.
- FREUD, Sigmund. (1938). Esquema del psicoanálisis. Trad.: J. L. Etcheverry. In: *Edição Standard Argentina das Obras psicológicas completas de S. Freud*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1980. Vol. XXIII.
- GRANON-LAFONT, J. *La topología básica de Jacques-Lacan*. Trad.: Irene Agoff. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1987.
- LACAN, Jacques. (1945). *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada – um novo sofisma*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1953). *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 3: As psicoses (1955-1956)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente (1957-1958)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.
- LACAN, Jacques. (1957-1958). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 8: A transferência (1960-1961)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: RSI (1974-1975)*. Inédito.

- NASIO, J. D. *Psicossomática – as formações do objeto a*. Trad.: Felipe Leclercq e Miguel Kertzman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- ROUDINESCO, E. e PLONT, M. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- VEGH, I. Escrituras. In: *Topología y psicoanálisis*. Buenos Aires: Escuela Freudiana de Buenos Aires, 1994.

Resumo

Lacan, em 1966, introduziu uma nota de rodapé em seu texto denominado “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose”. A referida nota propôs recortar o campo da realidade no esquema R e, a partir disso, convertê-lo em uma banda de Moebius. Introduziu-se, então, a dimensão do tempo na construção da fantasia inconsciente. O presente artigo visa a esmiuçar esse passo, sustentado por Lacan, ao adotar a estratégia do uso da topologia para a formalização da experiência analítica.

Palavras-chaves

Temporalidade, construção da fantasia inconsciente, banda de Moebius, formalização, topologia.

Abstract

In 1966 Lacan inserted a footnote in his text called On a question preliminary to any possible treatment of psychosis. This note proposed to delimit the field of reality to Schema R thereby converting it into a Möbius strip. Therein the dimension of time is introduced to unconscious fantasy. The present article aims at analyzing the use of topology in the strategy of formalization of the psychoanalytical experience posited by Lacan.

Keywords

Temporality, unconscious fantasy, Moebius strip, formalization, topology.

Recebido

08/05/2009

Aprovado

10/08/2009